

# UNIDADE

## SUMÁRIO

Écos e Reflexos .....	2
Editorial .....	3
Concurso Permanente de Unidade ..	3
Nossas Reivindicações .....	4
Agradecimento .....	4
Expediente .....	4
Notícias da Associação Atlética ....	15
Sociais .....	17

## ARTIGOS

Novas Idéias Sôbre Um Velho Tema — Liberdade, Igualdade, Fra- ternidade .....	5
Declaração Universal dos Direitos do Homem .....	7
Paranóicos e Capadócius .....	8
Batuque no Botequim .....	9
Variações e Propósito de Oscar Wilde	12
Um Autor — Uma Página .....	14
Humorismo: “O Impossível” .....	18

POESIAS .....	10 e 11
---------------	---------

# ÉCOS E REFLEXOS



## «Baile dos Calouros» de 1952

Da esquerda para a direita: Stas. Léa Marina (Esc. Politécnica), Neusa (Fac. de Direito), Daisy (Fac. de Filosofia) — Eleitas Princesas — e Ruth Maria (Fac. de Filosofia) — Eleita Rainha dos Calouros.



Aspecto do Baile realizado nos Salões do Club da Aeronáutica.

# UNIDADE

ORGÃO OFICIAL DO CORPO DISCENTE DA FACULDADE DE DIREITO  
DA PONTIFÍCA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO.

PUBLICAÇÃO DO CENTRO ACADÊMICO EDUARDO LUSTOSA

Ano IV — Rio de Janeiro, Agosto de 1952 — Nº 1

## EDITORIAL

**EDITORIAL** — Os editoriais quasi sempre só fazem escurecer as páginas em branco, quasi sempre dizem a mesma coisa, quasi sempre dizem pouco. É porisso que nada diremos. A citação entre aspas já diz tudo: nosso lema, nossa finalidade, nosso ideal tão puro, nosso ansêio de Bem...

“É preciso repetir sempre a verdade, porque o êrro também nos é repetido constantemente e não por uma só pessoa, mas pela massa geral. Nos jornais ou nas enciclopédias, nas escolas e nas universidades, campeia o êrro e sente-se à vontade porque tem a seu lado a maioria.” (GOETHE)

## Criticas e Sugestões

As páginas de UNIDADE estão abertas a todos que desejarem criticar ou sugerir novas realizações.

## UNIDADE CONCURSO PERMANENTE UNIDADE

### CONCURSO PERMANENTE DE “UNIDADE”

Todos os artigos publicados nesta revista participarão automaticamente de um Concurso cujo veredito ficará a cargo dos leitores e de um professor de reconhecida capacidade. Para êste número fica convidado o ilustre Prof. Dr. Lineu de Albuquerque Mello.

Os resultados serão publicados no próximo número. (o veredito dos leitores e o do professor)

*Prêmios:* estamos procurando conseguir, junto à Livraria AGIR e outras, alguns volumes destinados a premiar os vencedores.

*Votos* — Procurar o coupon-cédula em otura parte desta revista.

### ENTREVISTAS

No próximo número iniciaremos uma seção que sempre apresentará entrevistas com personalidades destacadas dos meios jurídicos, literários e públicos.

## Nossas REINDICAÇÕES

Iniciamos neste número uma seção que apresentará sempre uma justa reclamação dos colegas.

O assunto a tratar desta vez está relacionado à maneira com que são computados os 2/3 de presença para efeito de inscrição nos exames orais:

É evidente que o critério adotado para o cômputo de faltas é falho e pode se tornar injusto. Basta uma análise superficial e veremos que deve ser relevado um terço das aulas *previstas* e não das aulas *dadas*. As aulas previstas que não se realizaram, ou por falta do professor ou por outro motivo qualquer, devem ser presumidas como presenças em favôr do aluno e isto porque o aluno não pode ser prejudicado nos seus interesses por culpa alheia e, se comparece, tem direito a marcar presença.

É o velho princípio "in dubio pro reum", cuja aplicação prática pode ser verificada num exemplo concreto:

Suponhamos que o estudante precise de 5 presenças para completar os seus 2/3. Se, por qualquer circunstância, o professor faltar a estas aulas, o aluno estará prejudicado e não poderá prestar exames finais. Ora, esta situação não é justa.

— Está claro, senhores membros do Conselho Técnico, e, diante dos fatos apresentados, agradecemos as providências que se tornam necessárias e a eventual aquiescência da administração desta faculdade.

## VARIAÇÕES...

(Continuação da pág. 13)

bom, mas confesso que é preferível ser bom a ser feio". Esta filosofia, pregando o primado da arte sobre a moral, tem um picante sabor existencialista que muito agrada à juventude evoluída. Eis provavelmente a causa da fascinação que exerceu sobre o jovem cujo artigo deu motivo a essa crônica...

## AGRADECIMENTO

Deve UNIDADE uma palavra de agradecimento ao Embaixador Edmundo da Luz Finto que, com o seu inestimável apoio moral e material, proporcionou a melhor apresentação desta nossa revista.

Homem público clarividente, homem de letras de invulgar brilho e profundidade de espírito, a quem o Brasil deve assinalados serviços, dentro e fora de suas fronteiras, no Parlamento e na Diplomacia, soube Sua Excelência responder pronta e generosamente ao apêlo que lhe fizemos, em hora em que mingüam a compreensão e o amparo aos ideais universitários, entregando, em nome da importante empresa que hoje dirige, a Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira, à comissão que o procurou, com palavras de estímulo, um valioso donativo com o qual pudemos aprimorar a nossa feição gráfica e técnica.

Fica, pois, registrado aqui o nosso reconhecimento ao ilustre estadista patricio.

## Supeditante

Rua São Clemente, 240 — Rio de Janeiro — Brasil

Diretor-Geral: Roberto Ivens de Araujo

Diretor-Gerente: Sergio Agostini Xavier

Redator-Chefe: Lucien Castier

Secretário: Renato Agostini Xavier

Revisor: Gilton de Carvalho Albuquerque

Chefe de Publicidade: Luíz Felipe Alves Esteves

### CONSELHO CONSULTIVO

João Clemente Baena Soares — Carlos Augusto da Silveira Lobo - Aderbal Costa

Número avulso — Cr\$ 1,00

A Diretoria não se responsabiliza pelos artigos assinados.

# NOVAS IDÉIAS SÔBRE UM VELHO TEMA:

LIBERDADE, IGUALDADE, FRATER-  
NIDADE

ROBERTO IVENS DE ARAUJO

A fraternidade nos conduz à justiça, a justiça estabelece a igualdade, a igualdade propicia a liberdade.

Aqueles que lutam pela liberdade estão certos quanto ao princípio. Apenas erram ao usar os meios imediatos, se assim podemos falar — usam os meios rápidos, precipitados: soltam inteiramente as rédeas da liberdade. Após a Revolução Francesa afrouxaram-se todos os freios sem ter medido as forças do corcel bravo e indomável. Largaram-no por aí a fora, debatendo-se e entrechocando-se nos escolhos perigosos do caminho difícil, numa ânsia nervosa de atingir as satisfações de seus desejos. O erro foi querer chegar ao todo sem ter cuidado das partes. Foi querer construir uma máquina ideal sem aperfeiçoar as peças; foi querer fazê-la funcionar sem lubrificação, sem polir e sem zelar pelas suas partes, que devem ser as mais delicadas possíveis.

O erro foi portanto um erro de colocação dos problemas, um erro de visão, um erro de causa, um erro de fim, um erro de percepção da realidade.

Colocou-se a realidade sociológica acima da realidade psicológica, e esqueceu-se que uma realidade não dispensa a outra. Que uma realidade é formada por outras tantas realidades: a realidade sociológica subentende as realidades psicológicas.

Ora, como querer dar, a um indivíduo na sociedade, uma liberdade "ab initio" e, também desde logo, ir contra a intervenção educadora da sociedade? como querer acabar com a intromissão do Estado se o indivíduo ainda não está pronto para se colocar sózinho em contato com os outros?

Como querer liberdade sem fraternidade? Como querer justiça sem igualdade? Como querer fraternidade sem justiça?

O erro está em querer dar a uma destas palavras o domínio total sobre as outras. O erro está em esquecer o todo e engrandecer uma parte até a própria adoração.

O erro está em querer liberdade como meio auto-suficiente para atingir o fim último — a liberdade, quando, em realidade ela não é senão uma conquista que se deve ir fazendo pouco a pouco na dose ideal, própria e conveniente.

O erro inicial, do exagêro irracional do exclusivismo, foi entretanto atenuado: recorreu-se à igualdade, o segundo termo da tríade filosófico-revolucionária. Vivemos a era da igualdade. Ela domina as idéias, vigia e orienta as novas criações: criam-se teorias as mais diversas, fundadas na base igualitária; dêsse modo alguns países adotaram a igualdade de todos de não serem livres (reação a mais violenta contra o liberalismo). Outros embora ainda exaltem a liberdade com o mesmo alarde de outrora, já são países onde a igualdade de direitos e de oportunidades tende a substituir aquela pseudo-liberdade - fim dos idealistas e dos aproveitadores.

As insatisfações, entretanto, continuam. As guerras — fruto das insatisfações, as misérias — fruto das guerras, os ódios — fruto das misérias... e os ideais, frutos da Esperança e do Amor! A era da igualdade falhará como já falhou: ela terá cumprido a sua missão evolutiva e a sua função de experimentação para a civilização. A igualdade ainda não é o meio tão querido.

Estamos indo do primeiro termo, liberdade — separação, ao segundo, igualdade — comparação. E há um terceiro, justiça — distribuição. E há o quarto, fraternidade — comunhão.

Eis um ponto de partida que é também um dos pontos de chegada: a fraternidade.

Sim, o problema psicológico, como já dissemos, é o problema das partes. O sociológico, o do todo.

O problema psicológico é o problema moral, complexo e subjetivo como o próprio sentimento de fraternidade legítima: difícil de ser obtido numa pureza própria, numa espontaneidade íntima. Ora, justamente o problema moral é que foi abandonado pelos liberais, pois se resolveria como consequência natural da tão querida liberdade. Por ventura não se verifica em Kant um direito puramente coercitivo e exterior? Kant relegou a intenção, a moralidade, a um plano inferior e estabeleceu, como fundamento único da regra de ação a vontade decorrente do contato da liberdade de cada um com a liberdade dos outros, o que seria estabelecer o Direito na observação exterior, puramente objetiva, dos choques humanos. E imagina ter resolvido e concluído a solução do problema humano. O liberalismo esquecera o próprio humano, o mais humano para se dedilar ao geral e ao coletivo, resolvendo no todo, de uma vez, o complexo problema das partes... Esqueera, entre outras coisas, que o homem não pode atingir a liberdade se ele ainda não sabe realmente porque quer: esquecera portanto a psicologia e o seu valor imponderável — pois se o homem ainda nem sabe ao certo se é livre nem como é livre! O problema da liberdade psicológica ainda é um assunto de discussão da ciência. Ora, como querer a liberdade se não se sabe o que ela é? E porque o homem se sente insatisfeito e infeliz mesmo quando tudo parece lhe sorrir? Esses são problemas que não se podem abandonar pois um homem infeliz é uma sociedade em perigo. Como abandonar a psicologia experimental, a psicanálise e tantos outros setores da psicologia prática, como passar por sobre o problema do Homem e defender a solução do social como solução do individual?

Sim, o momento é o da fraternidade! É o momento de apelarmos para o íntimo e deixarmos a superfície. É o momento de apelarmos para as cons-

ciências. E' o momento da moral e da psicologia: fraternidade não se impõe coercitivamente, ela não é objetiva; fraternidade ensina-se racional e cuidadosamente para que penetre profundamente nas mentalidades. Fraternidade muitas vezes exige satisfação espiritual: é o cruciante problema dos recalques e dos complexos. Fraternidade spuõe o amor, e não o egoísmo, em liberdade. Fraternidade, eis a revelação que se impõe da experiência secular da História, fraternidade, eis a solução que desabrochou de sob o peso dos anos, vagarosos e pacientes, sempre sábios em seus ensinamentos, nunca demais ou de menos: era preciso que o Homem aprendesse por si só e sentisse a necessidade imperiosa da fraternidade. Era preciso que o Homem conquistasse a realidade pela sua própria inteligência, batido pela desilusão, purificado na dor e vivificado no idealismo.

É uma nova revolução que se prenuncia: a revolução da paz e da felicidade! Desta vez porém não se pretenderá o exclusivismo sonhador de quem resolve tudo numa fórmula salvadora unifacial apriorística. A fraternidade, a justiça, a igualdade, e a liberdade se acompanharão par e passo como a própria Verdade que é única e indivisível. E a Psicologia e a Sociologia e a Moral e o Direito seguirão paralelos, como que demarcando as margens da estrada que conduz à meta sonhada da felicidade.

#### PARANÓICOS E CAPADÓCIOS

Continuação da pag. 8

o Impossível ou a Fúria. Tudo isso carece de base, fundamento e você ainda não quiz tê-lo. Porém espero que muito breve possamos, mais bem alicerçados, continuar nossa correspondência, conversando sobre o valor e as deficiências das artes plásticas, do egípcio ao abstracionista, do bizantino ao cubista, do grego ao indígena, cuja arte tão injustamente você hoje deprecia.

o colega

Dirceu

P.S. — Osvaldo Goeldi, honrado, agradece as congratulações.

# DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS DO HOMEM

(DISCURSO PROFERIDO EM DEZEMBRO DE 1951, no "CONCURSO DE ORATÓRIA")

(*Antônio Carlos Amorim*)

"Por entre as brumas cinzentas, erque-se no oceano um gigante de pedra.

É imponente em sua estrutura e misterioso para aqueles povos que o observam do Continente".

Estamos em plena Idade Média e, nesse tempo, a Inglaterra é, ainda, a franja extrema do mundo.

Nesses rochedos isolados vive um povo estranho e de uma cultura singular: possui o brilho e a vivacidade dos latinos; a cautela e a tenacidade dos teutões. Curiosa combinação de caracteres essa, que deu a um povo um genio próprio.

Estamos em pleno século XIII!

Enquanto na Europa a filosofia medieval, pretenciosa e sem originalidade, apaixonava os espíritos eleitos, naquela ilha distante, uma nação, um povo inteiro já se tornava consciente da sua dignidade humana e exigia de um rei, a proclamação de seus direitos: A MAGNA CARTA.

Eis porque a Inglaterra é um símbolo!

"O Direito é, segundo a concepção moderna, um organismo objetivo da liberdade humana."

A sabedoria de Ihering conseguiu resumir nessa simples frase, o mais alto conhecimento jurídico de todas as civilizações. Entretanto, para que fosse estabelecida essa natureza do direito, produto interno e ordenado da história, muitas lutas se travaram entre povos distintos ou gentes da mesma nação.

Na antiga Roma a desigualdade existente entre Patrícios, Clientes e Plebeus, deu origem a revolução que culminou com o desmembramento da "gens" e a extinção de direito da primogenitura.

Bem mais tarde, o povo francês, cansado de um governo absoluto e des-

tituido de qualquer direito e garantia individual, sublevou-se, depondo a monarquia, batendo-se por uma idéia: Liberdade e Igualdade!

A inteligência humana sempre foi consciente da dignidade que é devida à pessoa e jamais se acovardou ante seus inimigos, fossem eles o poder, a força, os exército dos soberanos ou as riquezas dos senhores feudais.

E da luta travada através dos tempos, conquistou a civilização moderna, que o direito não mais representasse um mero conjunto de disposições arbitrárias de um legislador, mas acima de tudo, fosse êle o guarda vigilante da Liberdade Humana.

Assim compreendem todas as nações e esta é a consciência de todo homem moderno.

A declaração Universal dos Direitos do Homem, proclamada pela Organização das Nações Unidas, é um documento de fé! Demonstra que nem as lutas de classes ou a guerra entre os homens abalaram a solidez de nossa civilização.

Em seus artigos está evidenciado o refinamento de nossos sentimentos individuais que se desenvolveram de par com a prosperidade material dos povos.

A proclamação da liberdade, igualdade e dignidade humana, contida em seu artigo primeiro e tão bem garantida pela nossa Constituição de 46, é uma prova eloquente, não só da solidez das instituições democráticas, como também, um atestado evidente da sanidade de nossos princípios morais.

A Declaração dos Direitos do Homem, proclamada pelos Estados membros da Organização das Nações Unidas, é um ato de fé coletivo. E não se diga que represente um vago apêlo aos

(*Continua na pág. 16*)

# PARANÓICOS E CAPADÓCIOS

DIRCEU ALVES PINTO

O que mais me custou ao escrever este artigo foi decidir o tom e a forma que lhe daria. Perguntava-me se êle deveria ser doturinal, irônico, zombeteiro, ou se melhor estaria se ficasse no tinteiro. Depois de bem matutar, resolvi-me a dar-lhe a forma epistolar, que é a que se mais adapta a uma conversa entre amigos ou colegas.

Caro Sérgio,

Li, como toda gente, o artigo que você escreveu em "Ação" e admirei, antes de tudo, a energia, o arrebatamento, que diziam de sua mocidade. E foi por isso mesmo que me animei a conversar com você para debater a arte moderna, descobrindo na intolerância e no radicalismo do seu "Museu de Arte?" tão somente uma faceta desde arroubo juvenil que, contraditoriamente, está sempre disposto a ceder diante de um argumento que convença, por ser bem intencionado. Não pretendo, porém, fique bem claro, convencer, mas apenas, como já disse, debater.

Inicialmente, eu pediria a você, amigo Sérgio, que aplicasse a sua curiosidade e boa vontade a um estudo da evolução das artes plásticas e principalmente dos fundamentos das concepções modernas, em que constataria que nem tudo é paranoia e onde muitas de suas dúvidas sobre os talentos da nova arte dissipar-se-iam.

Aliás, o nobre amigo há de convir que não será por uma visita ao Museu de Arte Moderna que alguém, encurvado ao péso dos preconceitos, poderá conhecer arte, assim como não será por folhear um livro sobre Einstein que nos vamos tornar especialistas na sua teoria. E' um erro acreditar que o mecanismo visual resolve tudo em matéria de artes plásticas.

R. Huyche, em seu livro "Les Contemporains", situa de modo nítido a questão: "Convém ser humilde e reconhecer nossas fraquezas, antes de proclamar nossa "opinião". O pensamento que não duvida de si mesmo é o mais

débil. Sejam humildes e consideremos as emboscadas que nos rodeiam: instintivamente, ri-se do que é novo em nome dos princípios estabelecidos, afim de não ter de fazer o esforço de compreendê-lo. E' pois necessário começar por compreender antes de julgar. Somente então ter-se-á o direito de apreciar, e somente então".

A reação do público (e falo aqui das elites intelectuais, única parcela popular a ser levada em consideração em tais questões), a reação do público contra a arte moderna tem causas muimeira delas é uma dissídia intelectual, to profundas, mas a meu ver a prique alguns rotulam de comodismo. Em verdade, o que recebemos dos nossos maiores, os chamados princípios estabelecidos, é pacífico, é sereno e tranquilo; o caminhar para frente é mais árido, exige mais energias. A vida, contudo, não estaciona; é preciso marchar com ela e vencer os obstáculos da renovação. Negá-los em nome de uma razão, de uma noção estética estratificada ou de uma tradição, será apenas procurar justificar a covardia de furtar-se às dificuldades.

A arte, como toda atividade humana, caminha com o mundo e seria impossível torná-la estática, suste-lhe a evolução. apesar de todos os preconceitos, pois cada estágio artístico é expressivo do próprio espírito da época. Aliás, é o que você deixa transparecer no seu artigo quando aprecia as xilografuras (e não desenhos ou pinturas a nanquim) de Goeldi e encontra na "Unidade Tripartida" uma sensação estética. Vê você que os "capadóci" conseguem fazer penetrar raios de luz nas trevas dos seus juízos preconcebidos.

Já agora pode você perceber que seria bem difícil, quer à "cicerone", a mim ou a qualquer outro, explicar-lhe o belo quadro de Chastel (que aliás, para reavivar-lhe a memória, foi o primeiro prêmio da Bienal de São Paulo),

Continua na pag. 6

# BATUQUE NO BOTEQUIM

CARLOS AUGUSTO SILVEIRA LÔBO

O botequim regorgitava de gente. Cheiro penetrante de cachaça. ar fumarento e morno. O batuque estava presente, sacudindo tudo, enervando, aquecendo o ambiente carregado e semi-escuro.

Batapum, pim... pim...

Os homens batiam freneticamente nas garrafas e na mesa:

Batepum, pim... pim...

E as mulheres (gordas, sebatas, pernas nodosas e olhares lúbricos) sacodiam as nádegas enormes ao ritmo daquele compasso cansativo.

Melancolia!... Melancolia!... Alegria!...

Aquilo tudo era inferno delicioso. Cativava e repugnava, atraía e espantava. Não sei se também estava alucinado, mas o fato é que as garrafas dançavam, acompanhadas pelas mesas. ao som daquela música emprestada, sem dúvida, pelo mais cativante dos demônios.

Rosinha requebrava-se tôda. O batuque penetrara-lhe no sangue fervente de jovem mulata. Rosinha é muito bonita, principalmente quando bota aquela flor vermelha no cabelo.

Os homens desejavam-na com êste amor meio animalesco dos brutos, e tentavam de todos os modos agarrá-la. Mas Rosinha esquivava-se e fugia deixando um olhar malicioso que traduzia todo o seu despêzo pelos admiradores. Era mesmo uma mulhuer formidável!

O Eládio chegou a ensaiar uma confissão de amor, que foi rapidamente afogada num copo de cerveja e neste sábio cetecismo:

— Mulher como esta não é para mim.

A preta gorda, que estava escurrapachada numa cadeira perto da porta.

gritou alvoraçada:

— Foge, Rosinha, o Rubens vem aí!

— Chi! Pensa que eu ligo p.ra aquêlo homem?

E Rosinha fez um trejeito delicioso demonstrando o seu pouco caso.

Quando o Rubens apertou o braço dela, o batuque cessou instantaneamente. Todos o temiam: era o malandro mais respeitado das redondezas.

— Sua vagabunda! Fazendo farra com êstes frouxos. Pois é, sua sem vergonha!

Rosinha respondeu com um fraco e tremido “me larga!” saído a custo dentre os dentes cerrados.

Rubens arrastou-a para fora do botequim.

— Me larga, me laaarga! Seu vagabundo, malandro descarado, sem vergonha, miserável! Me larga, seu covarde! Ai... ai... ai

Rubens impassível, mas (dizem) um pouco pálido, conduziu-a com brutalidade pela rua apinhada de gente.

E sumiram-se na primeira esquina. entre a luz baça dos lampeões.

Durante alguns minutos ainda reinou silêncio no botequim. Todos se foram sentando, um tanto contrariados por não terem tomado a defesa da mulata.

— Rosinha é uma grande mulher! comentou alguém.

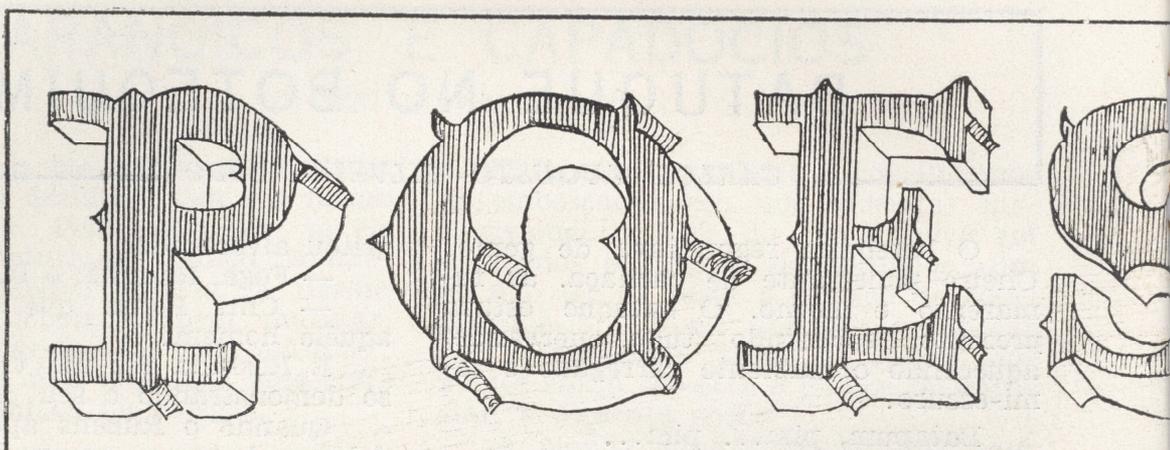
— Mas o Rubens é um bocado macho, retorquio o crioulo hérculeo.

O batuque foi-se estabelecendo aos poucos:

A princípio uma leve e encabulada batida, muito compassada, muito medrosa... Mas o barulho foi crescendo, obtendo mais adesões, e acabou por tomar conta daquelas almas inocentemente pecaminosas.

Depois de alguns minutos todos no botequim sambava: os homens, as mulheres, os copos, as garrafas, as cadeiras, as mesas, as lâmpadas...

— Batepum... pim... pim...



- FAZ TANTO TEMPO...
- ODE I
- APENAS UM OLHAR
- VERDAD — MELODIA
- CREPÚSCULO (pág. 13)

## FAZ TANTO TEMPO...

WILMA THEREZA DE CARVALHO

Faz tanto tempo...  
E parece que foi ontem  
Que trocamos o primeiro beijo,  
Ambos crianças, cheios de vida,  
Sentidos exaltados, apaixonados,  
Pensamentos em turbilhão...  
Lábios frementes, rostos colados,  
Sem ritmo certo o coração.

Faz tanto tempo...  
E recordo-me tão bem  
Da despedida, do último beijo,  
Corações jovens, adolescentes,  
Cheios de amor e de paixão frementes...  
"Voltarei breve", tu prometeste...  
Juras de amor, felicidade...  
Palavras vãs... Não regressaste,  
E só ficou louca saudade!

Faz tanto tempo?... Não!  
Há poucas horas nos encontramos,  
Cabelos brancos, rostos enrugados,  
Olhos sem brilho, corações cansados.  
Sentimentos em confusão,  
Frases banais, formalidades...  
Em meu coração quantas saudades,  
De um amor fugaz, de uma ilusão!

## ODE I

para M.

Oh, amor, que és tão sereno  
Na vida que te é doce formosura,  
Vem ver o quanto peno,  
E quanto esta ternura  
Perdida está no mal que sempre dura.

Assim o tempo passa,  
E tudo se resume no tormento  
De ter entendimento  
E de ter nest'alma, escassa,  
A força de sofrer o sofrimento.

Talvez não haja céu,  
Nem haja uma razão para se amar,  
Mas, tendo o que é meu,  
Mas, podendo chorar,  
Então, menina, é teu o meu penar.

E' fácil estar ausente,  
Mais fácil ainda é ser como ninguém.  
Se estou porém presente,  
Procuro querer bem  
A quem não sei se vem ou se não vem.

Pois logo convertido,  
No amor que se devora por quebranto,  
Ao outro referido,  
Já posso querer tanto,  
Já posso, dentro de mim, sofrer o  
[pranto.



# VARIAÇÕES A PROPÓSITO DE OSCAR WILDE

SERGIO PAULO ROUANET

Lí há alguns dias num suplemento literário um artiguete acêrca de Oscar Wilde. O autor, provàvelmente um bem-intencionado estreante de poucos anos e muito entusiasmo, deixava transbordar livremente a sua admiração para com o rei dos "poseurs".

Cada palavra era um êxtase e cada sentença era uma lôa; louvava-o pelas suas qualidades mas principalmente pelos defeitos.

Seus aplausos eram jovens, buliçosos, delicados. Mas seus anátemas eram terríveis! Sim, porque o rapazinho também sabia imprecisar.

Ao atacar os perseguidores de Wilde, o verbo do moço, azulado por relâmpagos de ameaça, assumia inflexões bíblicas, mais ou menos como Isaías ao falar em nome do "Desu zeloso", contra o povo de Samaria.

A verdade é que não há como Wilde para impressionar a juventude.

Seus paradoxos andam em todos os lábios, encantando as inteligências. Nêle as palavras nunca andam em linha reta pelo chão, estão sempre fazendo prodígios acrobáticos na corda bamba.

Aliás, não há como Wilde para fazer ginásticas verbais. Simples artifício? Sim, "mais ne fait-ce qui veult", lá diz o cancionero.

Artifício, é claro. Pois quando Oscar Wilde deixa de ser artificial, deixa de ser real. Só se sente à vontade numa atmosfera de estufa; a luz do sol parece excessivamente vulgar para êsse esteta pervertido. Fracassa todas as vezes que abandona os guizos de Arlequim e procura rondar "l'humble réalité". Suas descrições pretensamente naturalistas só podem ser igualadas em comicidades às cenas sérias de suas comédias.

As tiradas lírico-bombásticas de Mrs. Arbuthnot ("A Woman of No Importance") fulminando o despudor de Lord Illingbroke, ficaram célebres como modêlo de humorismo involuntá-

rio, mesmo ressaltando-se o fato de que Wilde escrevia para um público vitoriano que queria ver os vilões punidos e os bons recompensados.

Seus pungentes esforços para descrever o "bas-fond" londrino em "O Retrato de Dorian Grey" são dignos de simpatia, mas não de apreciação.

E' evidente que Zola deixou uma forte impressão sôbre êle, mas só Théophile Gautier e Leconte de Lisle, cultores como êle da beleza plástica, puderam influenciá-lo de um modo efetivo.

Sente-se nêle o decadente "fim-de-siècle", saturado por vários milênios de civilização, capaz de assistir a uma hecatombe ajustando uma orquídea na lapela, mas passível de chorar de emoção ao contemplar um belo quadro ou uma bela mulher.

"You never say a moral thing and never do a wrong thing", diz Basil a Lord Henry. O que era verdade para o seu personagem, era-o também para êle até certo ponto.

Wilde nunca seria capaz de praticar um ato realmente criminoso: o homicídio repugnava ao seu senso estético; julgava-o vulgar, e certamente por puro snobismo não perfilhava as opiniões de Quincey em "O assassino considerado como uma das belas artes". Por outro lado, êsse requintado farsante cometeria todos os delitos de preferência a incidir em uma las "sete virtudes mortais". Não especifica quais sejam estas virtudes, mas adviniha-se que uma delas é viver como um consciencioso burguês, dormindo e acordando a horas certas, e guardando uma exasperante fidelidade conjugal.

Felizmente soube conservar-se ao abrigo desses horrores. Um Wilde bom chefe de família seria tão decepcionante como uma citação das escrituras na bôca de Falstaff. Sabia que os leitores se sentiriam lesados se sua vida estivesse em desarmonia com sua obra. Por isso é que toda a existência de Wilde

é um vasto paradoxo, culminando com o paradoxo dos paradoxos: êle, o requintado, obrigado a viver numa prisão repleta de ladrões e assassinos; o inimigo da trivialidade esfregando o assoalho como qualquer empregadinha de ínfima categoria! (1)

Prêso, Wilde chocou-se de chôfre com a vida, mas não a vida refinada da sociedade, londrina, cheia de verve e cosméticos. Pela primeira vez o brilhante ator abandonava o palco, e certamente não foi muito feliz no seu contato com a platéia.

De qualquer modo "De Profundis" mostra-nos um Oscar Wilde diferente, ocupando-se seriamente do destino da alma e finalidade do mundo, e falando com intimidade do Absoluto, do Infinito, e outras coisas consideráveis.

O pior defeito dessa obra é a sua sinceridade.

Wilde só dava a impressão de realidade enquanto artificial, provavelmente porque quanto mais insinceros somos, mais dignos de crédito nos tornamos, pois nossas palavras não estarão eivadas dos entusiasmos e personalismos tão característicos dos indivíduos sinceros.

O direito divino do "homour" sagrava-o legítimo soberano do reino do ridículo mas só enquanto gênio satírico Wilde era inimitável: quanto retirava a máscara e se mostrava tal qual era, o máximo que podia despertar era frio desprezo ou lívida indiferença.

Ninguém se interessa pelo que somos, mas pelo que parecemos. Se aparecesse um livro inédito de Petrarca no qual êle confessasse que a divina Laura era vesga, seria recebido com duas explosões sucessivas: a primeira de indignação e a segunda de incredulidade.

Porisso é que o Wilde que está presente na fantasia de todos não é o pecador arrependido do "De Profundis", mas o homem de espírito que, portendendo contra a moda da época, flanava pelas ruas de Londres na mais estra-

nha indumentária surgida desde o advento dos "incroyables".

É muito mais agradável evocar a figura de um "dandy" cínico e sorridente, desfechando epigramas como se fossem dardos, que a de um prisioneiro barbado, absôrto em pouco atraentes cogitações metafísicas.

E de fato, nas nações como nos indivíduos, devemos procurar o que existe de característico, mesmo que o "típico" não seja o "genuíno".

Seria absurdo amar pelo seu misticismo um homem que toda a vida se assinalou pelo que poderíamos chamar de materialismo estético.

Esta singular doutrina, merecedora de uma explanação mais ampla, pode ser sintetizada numa frase de Lord Henry em "O Retrato de Dorian Grey": "Admito que é melhor ser belo que ser

(Continua na pág. 4)

## CREPÚSCULO

*Gilton de Carvalho Albuquerque*

Vem baixando...  
Caindo inexoravelmente  
O crepe da noite.  
Luta ainda o dia.  
Sabe, porém, que vai perder,  
Perdeu durante séculos  
Mas ainda luta...  
O mar aprecia a luta  
Tu aprecias o mar.  
E eu? Não vejo o mar  
Nem vejo a noite...  
A escuridão vence  
Uma vez mais...  
Mais um dia nos séculos...  
Quem assistiu a êste embate comum?  
O mar, tu... E eu?  
Eu vi o brilho de teus olhos  
Ceder lugar às trevas  
Vi a claridade de teu sorriso  
Se apagar.  
E, com a penumbra noturna  
Uma sombra se afasta de outra sombra  
O mar viu outra peleja.  
Num só momento dois crepúsculos  
O do dia...  
E o meu...

(1) "We rubbed the doors and scrubbed the floors  
And cleaned the shining rails"  
(The Ballad of the Reading Gaol)

# Um Autor Uma Página

Publicaremos em cada número um extrato de um autor célebre. O primeiro desta série é um texto que fomos encontrar no livro "Conversações mann, há mais de cem anos, entrevistou para nós o genial Goethe do qual de Goethe com Eckermann". Eckerpassamos a publicar o trecho abaixo:

"Goethe falou dos seus inimigos e disse que este gênero de homens nunca morria. "O seu número é enorme", disse, "mas não é impossível classificá-los de modo certo.

"Primeiro cito aqueles que são meus inimigos por estupidez; são os que não me compreendem e me censuram sem me conhecer. Esta enorme quantidade de gente já me causou muitos aborrecimentos na vida; mas devemos perdoar-lhes, porque não sabem o que fazem.

"Uma outra grande quantidade é formada pelos que me invejam. Estes não me concedem a felicidade e a posição honrosa que consegui pelo meu talento. Fazem troça da minha fama e ter-me-iam de bom grado destruído. Se eu fosse infeliz e miserável, calar-se-iam logo.

"Depois vem o número grande daqueles que se tornaram meus inimigos por não terem eles próprios conseguido qualquer sucesso. Há entre estas pessoas de talento, mas que não me podem perdoar que eu faça com o que o nome deles não seja conhecido.

"Em quarto lugar cito aqueles que são meus inimigos por razões várias. Como sou um homem e tenho as faltas e as fraquezas humanas, também os

meus escritos não estão livres dela. Mas como a minha formação foi feita conscienciosamente e trabalho sempre para me aperfeiçoar, *a minha evolução é constante* e aconteceu muitas vezes censurarem-me de uma falta que eu há muito deixei de praticar. Estes são os que menos me têm incomodado; atiraram tiros quando já estou à distância de muitas milhas. *Além disso, uma vez acabado o livro, deixou de me importar: não me ocupo mais dele e penso imediatamente em novo trabalho.*

"Ainda outro grande número dos meus inimigos está entre aqueles que se desviam da linha do meu pensamento e os que têm conceitos diferentes. Diz-se que entre as folhas de uma árvore nunca há duas iguais, e, portanto, entre milhares de homens não será fácil encontrar *dois que se harmonizem completamente nos conceitos e nos pensamentos.* Se me lembro disto não tenho que admirar-me senão de ter ainda amigos e companheiros. Toda a minha época estava em contradição comigo, pois se orientava subjectivamente, enquanto que eu, com as minhas tendências objectivas estava sozinho completamente e com todos os inconvenientes."

## CONCURSO DE UNIDADE

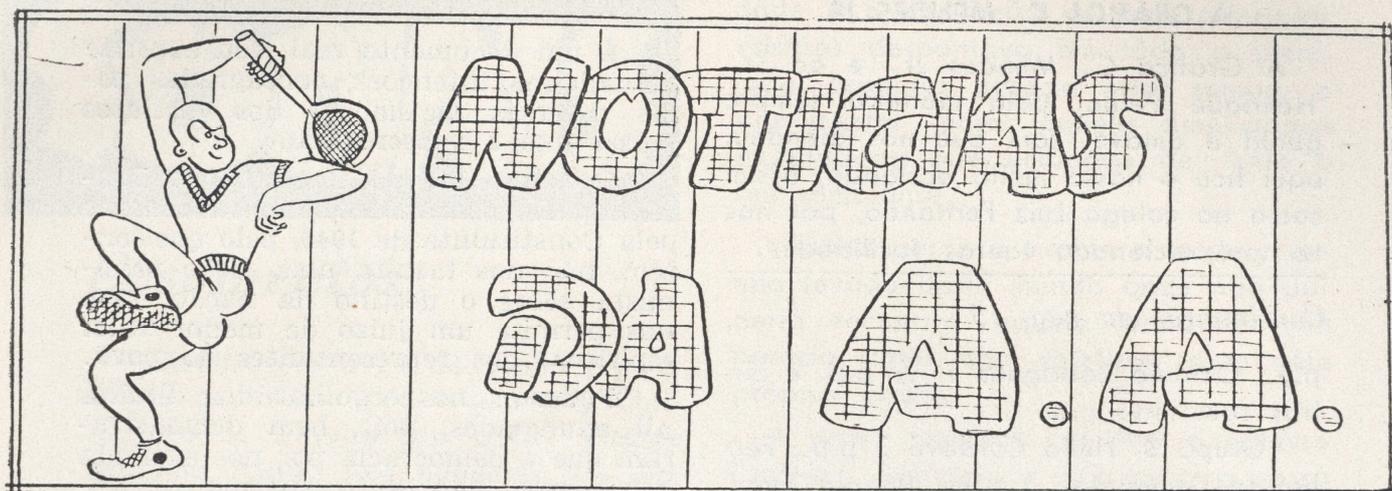
AGOSTO DE 1952

O Melhor Artigo foi.....

Da Autoria de .....

Ass. do Leitor.....

(Este cupon deve ser entregue à um membro da diretoria)



### Informações de Manuel Andrés Borrero León

RESULTADOS DOS CAMPEONATOS DE FUTEBOL, BASQUETEBOL, NATAÇÃO E DE WATERPOLO REALIZADOS PELA F.A.E. E DO III TORNEIO INTERNO DE XADREZ DO C.A.E.L.

**Futebol:** — Devemos salientar aqui o êxito invulgar que êste campeonato vem alcançando.

**1.º jogo:** — Faculdade de Direito da U. C. - 5 x Faculdade de Filosofia da U.C. - 0. Marcaram: Sergio Agostini 3; CaCrlos Mauricio 1; Lula 1.

**2.º jogo:** — Faculdade de Direito da U. C. - 1 x Faculdade Nacional de Química - 0. Marcou: Lula, aos 16 minutos do primeiro tempo.

A vitória foi duramente conquistada, tendo faltado alguns de nossos melhores representantes. Salientou-se a defesa, principalmente o goleiro Nils Kauffmann, além dos zagueiros Kleber e Raphael. Na linha média Gilton auxiliou a defesa, sendo acompanhado por Walter e Mario Rocha. No ataque destacaram-se Sergio Agostini e Lula.

Com essas duas vitórias a nossa Faculdade classificou-se para as finais.

### Basquetebol:

**1.º jogo:** — Faculdade de Direito da U.C. - 45 x Escola Nacional de Arquitetura - 42. Kleber foi o cestinha, marcando 27 pontos.

**2.º jogo** — Os nossos representantes não se apresentaram para jogar esta partida, que deveria ser contra um poderoso conjunto universitário. Devemos lamentar a falta de espírito desportivo demonstrada por esta atitude. Desta maneira fomos derrotados por W.O. e desclassificados.

**Natação:** — As eliminatórias se realizaram a 24 e 25 de maio, na piscina do Guanabara. Por falta de preparo físico não logramos classificar nenhum nadador. Entretanto podemos destacar Carlos Maximiliano e Raphael como os nossos melhores.

**Water-Polo:** — Faculdade de Odontologia - 3 x Faculdade de Direito da U.C. - 1. Marcou o nosso tento Carlos Maximiliano.

**Xadrez:** — Resultados parciais do III Torneio Interno. (Semi-finais).

Grupo A: Manuel Andrés Borrero León 1/2 p.p.; Henrique de Andrada 1

*Continua na pag. 16*

### À GRÁFICA C. MENDES JR.

À Gráfica C. Mendes Jr. e ao Sr. Henrique Velho, pela maneira sempre gentil e amável com que nos atendeu, aqui fica o nosso muito obrigado, assim como ao colega Luiz Fernando, por nos ter proporcionado tantas facilidades.

*Continuação da pag. 15*

p.p.; Octavio Rodrigues 1 ½ p.p. e outros com mais p.p.

Grupo B: Hélio Cordovil 2 p.p.; Fernando Guimarães 2 p.p.; Ronald Small 2 p.p. e outros com mais p.p.

Os vencedores representarão a Faculdade no Campeonato da F.A.E.

*Continua na pag. 17*

### O IMPOSSÍVEL

*Continuação da pag. 18*

"Buscapésinhos"? Quem será o "galo" na família? e muitos outros.

Mas na verdade, não se pode dizer que o criador genial do dia de Maria Cebola, do "fureur" de tout Paris", da porca Salomé, de "sua intolerável perfeição, Ali Bakhan, o Puro", do Shmoo, de Nancy O., da eterna inimizade entre os Buscapés e a "família" dos Ouriços e tantos outros personagens originalíssimos, tinha necessidade de recorrer a este casamento para arranjar material novo, do mesmo modo como não se pode afirmar que Capp temesse estar a sua história cansando os leitores, uma vez que o número de jornais que publicam Ferdinando em todo mundo, aumenta continuamente.

Assim, é com pesar que registramos aqui a "queda" de Ferdinando, um de nossos maiores ídolos, talvez a maior expressão da literatura americana deste século.

### DECLARAÇÃO...

*(Continuação da pag. 7)*

valores espirituais e à dignidade humana; que seja mais um amontoado de literatura generosa mas inócua.

Não!

É um documento real, que exprime verdadeiras intenções, consagradas pelas diversas legislações dos distintos países que a subscreveram.

O artigo 141 da Constituição Brasileira, tão carinhosamente elaborado pela Constituinte de 1946, pelo que contém, não nos faculta uma visão pessimista sobre o destino da nação, nem nos permite um juízo de menor valor espiritual dos representantes do povo.

Podemos nos orgulhar dos direitos ali enunciados, pois, bem demonstraram que a democracia por nós exercida representa, não só o sistema de governo por excelência, como também, e acima de tudo, a norma de vida e a maneira de ser que melhor condiz com o verdadeiro espírito cristão.

A Declaração dos Direitos do Homem é um documento de fé!

É um ato de fé!

É um ato de fé cristão!

Se os homens nascem livres e são iguais é porque são iguais perante Deus e só a Ele poderão pertencer.

Quem não crê em Deus, não admite igualdade, ou não é necessário que a admita. Quem não teme a Deus não tem maior razão para respeitar a liberdade de seus semelhantes.

Os povos verdadeiramente democráticos crêem em Deus com fé mil vezes mais ardente do que no mundo visível; crêem na alma imortal, que prestará contas ao seu Senhor.

A dignidade assegurada ao cidadão é o respeito devido à sua alma criada a semelhança de Deus e não unicamente ao corpo físico, pois, bem verdade é o que disse o poeta:

"Toda a alma é clarão e todo o corpo é  
[lâmpada,  
Quando a lâmpada apodrece inda o clarão  
[cintila!  
Tirai o corpo — e fica uma língua de  
[chama...  
Tirai a alma — e resta um fragmento  
[d'argila!

(Madrugada de 7 de dezembro de 1951)

# SOCIAIS

## *Casamentos:*

— Realizou-se a 21 de Junho p.p., o enlace matrimonial da srta. Marly Christóvão de Oliveira com o Dr. Vicente Sobrinho Porto. Aos nubentes, — ela, estimada colega do terceiro ano, êle, nosso ilustre professor de Direito Romano — enviamos, em nome dos colegas e em nosso próprio, os maiores votos por um futuro feliz.

— A 9 de Julho p.p., na Igreja de Santo Inácio, realizaram-se as núpcias da srta. Olivia Maria, com o nosso querido colega Claude Ludovic Kauffmann, do quinto ano.

A ambos, UNIDAE — interpretando o pensamento de todos os colegas — augura uma existência plena de felicidades.



## *Falecimento:*

Foi com profundo pesar que recebemos, no dia 8 de Junho, a notícia do falecimento, vítima de insidiosa molestia, de um dos nossos colegas que maior número de amizades contava nesta Faculdade, onde cursava já o último ano.

Leonidas Marcondes Uchôa Cavalcanti era, sem dúvida, uma figura insubstituível na nossa vida universitária; regorgitando de idealismo puro e sincero a par de um carácter onde a integri-

dade e a convicção de seus princípios cristãos despontava em tôda a plenitude, Leonidas parecia estar sempre a nos alertar para aquela simplicidade espontânea que emanava de todo o seu semblante.

Talvez por isso mesmo a morte o tenha levado deste mundo onde não poderia encontrar aquela bondade que parecia supôr aqui existisse como nêle próprio existia.

A nossa saudade vai com a palavra "adeus", vai tudo o que resta: a nossa despedida e a nossa prece.

*Continuação da pag. 16*

Aproveitamos a oportunidade para avisar que este ano serão celebradas as Olimpíadas Universitárias que serão levada a efeito no segundo semestre, em Belo Horizonte. Para isso, a F.A.E. (Federação Atlética dos Estudantes), órgão máximo dos Esportes Universitários no D.F. à qual é filiada nossa Associação Atlética assim como todas as A.A. das Faculdades Cariocas, já programou seu calendário esportivo para o corrente ano que se encontra esposto no quadro da A. Atlética.

A Diretoria da A.A.A. ficou assim constituída.

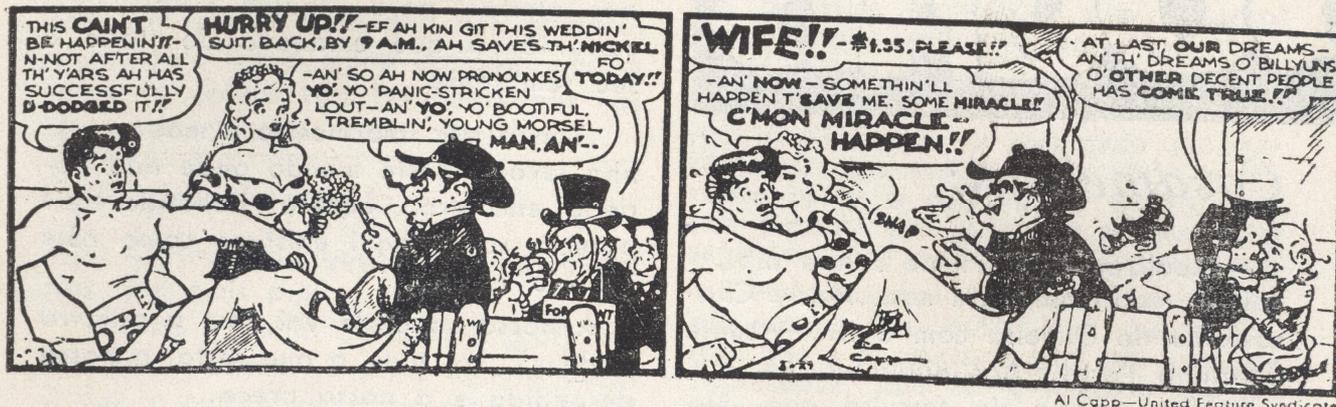
**PRESIDENTE** — Sergio Agostini Xavier  
**Vice-Presidente** — Affonso Carlos de Saboia Bandeira de Mello; **Diretor de Football** — Raphael Hermeto de Almeida Magalhães; **Diretor de Basket** — Tainá de Souza Coelho; **Diretor de**

**Volley** — Sergio Agostini Xavier; **Diretor de Xadrez** — Manoel Andrés Borrero León; **Diretor de Tennis** — Manoel Andrés Borrero León; **Diretor de Tiro ao Alvo** P Manoel Andrés Borrero León; **Diretor de Natação** — Raphael Hermeto de Almeida Magalhães; **Diretor de Esgrima** — Otto de Alencar Sá Pereira.

(As.) Sergio Agostini Xavier  
 (Presidente da Associação Atlética)

## FURO ESPETACULAR DE UNIDADE

## HUMORISMO



Al Capp—United Feature Syndicate

## O IMPOSSIVEL

Ronald Leslie M. Small

No mundo das historietas em quadrinhos de Ferdinando Buscapé, (no original americano: Li'l Abner), está sempre acontecendo o que menos se espera. Mas poucos leitores jamais esperaram o mais impossível de todos os acontecimentos: que Ferdinando acabasse por se casar (sic!) com a sua eterna namorada Violeta. (Daisy Mae). Apesar de Ferdinando já ter estado próximo do altar inúmeras vezes, o bastante para soprar a fumaça do charuto de Samuel Casamenteiro, juiz de paz nomeado por êle próprio, o desenhista Al Capp sempre aparecia na hora H e dava um jeito de salvá-lo. Uma vez, em cima da hora uma explosão de gás lançou Ferdinando sobre uma árvore, fora do alcance de Violeta. Em outra ocasião, depois de Samuel Casamenteiro ter completado a cerimônia (a de 15 cruzeiros, incluindo "várias piadas embaraçantes ditas em voz alta enquanto o casal parte para a lua-de-mel") ainda Ferdinando escapou: sua licença de casamento havia expirado. Mas a semana passada (1-7 de abril), nos semanários americanos estava acontecendo o impossível.

Como muito bem sabem todos os leitores de Al Capp, Ferdinando é um rapaz de palavra. Quando entrou para um clube de fans de Dick Tracy, o fa-

moso detetive, (por sua vez herói das historietas em quadrinhos que Ferdinando lê), o jovem Buscapé jurou seguir o exemplo de Tracy em todas as ocasiões. Por ocasião de uma crise de economia na força policial, Tracy foi advertido por seu chefe que, a não ser que se casasse, êle seria despedido juntamente com todos os outros solteiros. Uma vez que um "teste científico de aptidões" havia demonstrado ser o Detetive Tracy estúpido demais para qualquer outro tipo de trabalho, teve de casar-se.

Ferdinando, fiel ao seu juramento, também se comprometeu. Entretanto, estava tão certo que um milagre o salvaria, que nem se preocupou em levantar-se da cama na manhã em que Violeta fez valer a sua promessa. (veja ilustração). Mas desta vez, não importa o que aconteça a Tracy, Ferdinando não pode mais escapar.

Depois de 18 anos, Capp finalmente achou conveniente um casamento (a 35 cruzeiros — preço de inflação —), que abre novas possibilidades materiais para a história. Assim, surgem novos problemas: De que modo Ferdinando que nunca trabalhou, (e por isso mesmo um ídolo de tantos), poderá sustentar Violeta? Haverá novos

Continua na pag. 16

**Companhia Siderurgica**

**Belgo Mineira**



**Escritorio Central:**

**Avenida Nilo Peçanha, 26**

**NOVA FASE**

**AGOSTO - 1952**

**N.º 1 — ANO IV**

(Distribuição Interna)